

TETÉ RIBEIRO

Minhas duas meninas



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Teté Ribeiro

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Nik Neves

Créditos das imagens

pp. 1 a 5: Acervo pessoal da autora

pp. 6 a 8: © Priyanka Charria

Preparação

Cacilda Guerra

Revisão

Márcia Moura

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ribeiro, Teté

Minhas duas meninas / Teté Ribeiro. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2746-7

1. Gravidez 2. Mães — Narrativas pessoais 3. Mães de aluguel 4. Relatos de experiências 5. Ribeiro, Teté I. Título.

16-04207

CDD-920.72

Índice para catálogo sistemático:

1. Mães : Barriga de aluguel : Relatos de experiências 920.72

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/ciadasletras

Sumário

1. Crianças um pouquinho nascidas	9
2. “Paciência, Ribeiro, paciência”	22
3. Sempre sem pressa	38
4. <i>Times of India</i>	53
5. Vanita e Sandip	67
6. Hora de desistir	81
7. “ <i>The babies are fine</i> ”	98
8. Arranjado ou por amor	117
9. Reencontro	128
10. Casa das grávidas	142
11. “Não se preocupe com as vacas”	153
12. Aptas para voar	162

1. Crianças um pouquinho nascidas

Na lousa verde pendurada na parede, daquelas que se usavam nas escolas, escrito com giz branco, reconheço meu nome entre os dos internos da ala neonatal do hospital Zydus. Escrito duas vezes: “*Daughter of Tete Ribeiro A*” e “*Daughter of Tete Ribeiro B*”. Estou coberta da cabeça aos pés com roupa de enfermeira, luvas, máscara cirúrgica e um chinelo, só com os olhos de fora. Uma enfermeira de verdade me aponta para a frente e à esquerda. São poucos passos, talvez três ou quatro, mas meus pés estão grudados no chão, meus braços pesam ao lado do corpo e a roupa rosa-pálido que precisei vestir por cima da minha me impede o movimento. Minha respiração faz um barulho alto por baixo da máscara, quase tão marcado quanto as batidas do coração. Faço esforço para puxar o ar pela boca e soltar pelas narinas, até perceber que o oposto é muito mais natural. Para dentro pelo nariz, para fora pela boca.

Antes de passar pela última porta que separa aquele setor do resto do hospital, há um estacionamento desordenado de sapatos, todos baixos e abertos. Apesar de ser outono, faz quase trinta graus

lá fora. Tiro o tênis e, imaginando estar preparada para as diferenças culturais, ameaço entrar descalça. Uma segunda enfermeira percebe a besteira e corre em minha direção, me dá o chinelo que ela mesma estava usando e fica do lado de fora. Sinto o calor do pé dela no meu pé, em contraste com a temperatura mais amena do setor.

“Você já tem filhos?”, me pergunta uma terceira moça. “Não.” Respondo e vejo a lousa, com meu nome lá. Duas vezes. Não é nem o meu nome de batismo, Ana Teresa, e sim o apelido que me acompanha a vida inteira, pelo que me reconheço. Sou Ana Teresa na conta do banco, nas fichas médicas, nos resultados de exames. De alguma maneira deixei meu nome de lado, para coisas sérias apenas, como se o apelido garantisse uma informalidade que tem mais a ver comigo.

Mas é ele que me faz dar o primeiro passo dos três ou quatro que ainda faltam para o encontro com A e B, os outros nomes na lousa. Lembro da minha mãe brava, me segurando pela parte de trás do braço e usando a força dela para me empurrar um pouco para a frente, me botando assim na direção que ela queria que eu andasse, sem me distrair com mais alguma coisa no caminho. Na minha cabeça repito meu nome com a entonação de voz e a divisão de sílabas que ela usava para deixar claro que eu tinha que fazer o que ela dizia, naquele momento, sem nenhuma manobra. “A-na-Te-re-sa-é-pa-ra-lá-que-vo-cê-vai.”

Minha mãe morreu em 2010, mesmo ano em que voltei a morar em São Paulo, depois de quase uma década indo e vindo dos Estados Unidos. Foi também sete anos depois de ela receber o primeiro diagnóstico de câncer no rim. Cinco depois de eu ter começado a tentar engravidar, três antes dessa viagem à Índia. Perder minha mãe tinha sido o acontecimento mais importante da minha vida até aquele momento, nunca me recuperei completamente. Todos os eventos de antes e depois passaram a ser contabilizados assim, em relação ao ano em que ela morreu.

Nós não éramos mãe e filha do tipo melhores amigas — tínhamos sido inclusive grandes inimigas durante toda a minha adolescência hard-core e muito distantes durante os anos de faculdade. Eu não fazia quase nada do que ela queria, mas precisava saber o que ela pensava, até para saber qual era o contrário disso. Mais recentemente, no entanto, tínhamos encontrado uma maneira confortável e profunda de nos relacionar. Ela me visitou regularmente nos Estados Unidos, nos três lugares onde morei com meu marido, Nova York, Palo Alto, na Califórnia, e Washington.

Num dos seus últimos réveillons, vim para São Paulo e me hospedei no apartamento dela e do meu pai, que estava viajando. Dormia na cama deles, e ela no meu antigo quarto. Passávamos o dia revendo os filmes preferidos dela, e depois tomávamos um lanche na cozinha, ela contava com quem tinha visto o filme pela primeira vez, como era o cinema de São José do Rio Pardo, no interior de São Paulo, onde ela, suas quatro irmãs e meus avós moravam antes de se mudarem para a capital, nos anos 1960. Eu adorava as histórias da minha mãe, passei a infância ouvindo cada uma delas, em longos almoços na cozinha. Na casa dos meus pais as conversas nunca eram comezinhas — nada de fofoca de vizinho, assunto de novela, discussões bestas. Eram histórias — dela, das irmãs, da família do meu pai, da minha avó. Bem contadas, com humor, ritmo, vocabulário. Havia umas palavras que só ela usava no dia a dia. Quando sentia raiva de alguém, xingava de preboste, estroina ou patusca. Assim, não deixava a conversa vulgar, mas falava tudo que queria. E mesmo sem saber o que aqueles termos antiquados significavam, eu entendia o que ela queria dizer. Depois da morte da minha mãe, fiquei com a sensação de que toda a humanidade tinha se tornado um pouco mais vulgar, como se a ausência dela diminuísse algum índice universal de interesse das pessoas todas. Agora, andando em direção ao encontro com minhas filhas, eu me per-

guntava se ia saber ser mãe sem ter mãe. Não tinha nem a mais remota ideia de por onde começar.

“Venha me encontrar”, dizia a mensagem de celular na manhã daquele 18 de novembro. Estava em Anand desde a madrugada do dia anterior, que passei quase todo dormindo na tentativa frustrada de me adaptar na marra ao fuso horário e me deixar pronta para uma nova vida, essa que tinha começado enquanto eu voava sobre o oceano Atlântico, a África e a península Arábica. A véspera do feriado de 15 de novembro de 2013, quando saí de São Paulo, foi um daqueles dias de recorde de trânsito. Era o que dizia o rádio do carro, que ouvia a caminho do aeroporto, no final da tarde.

Ia cheia de bagagem: uma mala com roupa, remédio, xampu, protetor solar, tudo para durar entre um e dois meses; outra mala de roupinhas de bebês recém-nascidos cujo sexo eu ainda não sabia, mamadeiras, chupetas, roupa de cama, toalhas, toucas, dezenas de paninhos de tamanhos variados e finalmente um trambolho imenso, um carrinho duplo, dobrável, com dois cestos que serviriam de berços, em uma mala gigante em que caberiam fácil dois adultos em pé. Precisava chegar cedo para o check-in para tentar um bom lugar no voo.

Os veículos ao meu redor cismavam em não se mexer. “É o último feriado prolongado até o Natal”, insistia o locutor, como se torcesse para ter o privilégio de narrar o maior engarrafamento da história. A aflição de ficar parada, vendo o sol se pôr sobre uma das rodovias que levam os paulistas para longe da cidade, fazia com que eu sentisse uma mistura de raiva e impotência.

Era o oposto do que experimentava no corredor do hospital, em Anand. Ali, na minha imobilidade rosa, não tinha como entender nem explicar o que me impedia de acelerar o passo e

correr ao encontro das bebês. Era uma solidão absoluta, ao mesmo tempo testemunhada por pessoas que eu via pela primeira vez. Por que eu estava sem nenhum conhecido ao meu lado naquele momento? Quem ia me dizer que é assim mesmo, que a surpresa parece mais com um choque que com qualquer manifestação de felicidade?

Nunca tinha esperado nada por tanto tempo. Muito menos tinha tido a certeza de que com um simples movimento de braço e perna, repetido poucas vezes, meu futuro estaria revelado. A enfermeira que me acompanhava falou alguma coisa em uma língua que não entendi para outra mulher, que vinha da sala mais à frente, à esquerda. A voz da minha mãe sumiu e foi a minha que ouvi, perguntando: “Algum problema?”. “Ela só queria saber quem é você”, disse a moça. “E respondi que você é a mãe das duas meninas.”

Minha chegada à Índia, umas trinta horas atrás, se deu em Ahmedabad, ex-capital e maior cidade do estado de Gujarat. O voo vindo de Dubai aterrissou às quatro e meia da madrugada. O saguão vazio do aeroporto me surpreende: estava preparada para encontrar muita gente, em todos os lugares. Lá fora, na escuridão, dá para ver um amontoado de tecidos encostados na enorme parede de vidro. Só consigo espiar o horizonte acima do monte de panos de mais ou menos um metro de altura, e não vejo ninguém. Espero pela bagagem e penso que sair de lá pode ser minha primeira grande aventura no país, já que não anotei o telefone do sr. Uday, o motorista, guia e tradutor que combinou comigo de me buscar. Mas me garantiram que ele vai me encontrar.

Assim que as portas automáticas se abrem, os panos começam a se mexer. São pessoas, centenas, que estavam agachadas ou dormindo no chão, bem juntinhas, imagino que para espantar o

frio — faz dezoito graus na rua, temperatura muito baixa para o país. Agora, acordadas, elas colam a cara no vidro tentando reconhecer quem vieram encontrar. Será que um deles é o sr. Uday, procurando adivinhar quem eu sou? No país todo, o acesso ao aeroporto só é permitido a quem tem cartão de embarque; familiares e amigos dos passageiros ficam do lado de fora. De repente, um senhor alto de gorro preto acena em minha direção, lá de trás, longe da multidão, segurando um celular. “Ribeiro, Ribeiro?”, ele grita. “Eu vim buscar você.”

É o sr. Uday, intuindo que eu seja eu. Empurra o carrinho com minha montanha de bagagem entre risadas e suspiros. “Jesus, Jesus”, ele diz, e imagino que invoque o filho de Deus para reclamar internamente do tanto de coisas que trago comigo. Essa é uma de minhas características com a qual me debato com frequência, o tamanho das minhas malas de viagem. Levo o mínimo necessário, e é sempre mais do que preciso.

Para essa estada, no entanto, uma das poucas certezas que tinha era que não saberia o que levar, e pedi ajuda profissional. Consultei Ismar de Fátima, uma babá/enfermeira especializada em gêmeos RN — sigla para recém-nascidos, aprendi muito depois —, que me disse o que não podia faltar na bagagem. Foi tão assertiva que percebi que era ela que precisava ir comigo. Sem mãe, sem irmãos mais novos, sem sobrinhos nem priminhas próximas, aqueles seriam os primeiros recém-nascidos que eu carregaria no colo. Já tinha visitado amigas que tiveram filhos, que me deixavam segurar o bebê. Eu sempre sentada, elas vinham com aquele pacotinho, que depositavam nos meus braços imóveis por uns cinco a dez minutos. E só. Nenhuma mamadeira, nenhuma fralda, nenhum banho, nenhum choro, nada. Era essa minha experiência.

No estacionamento do aeroporto de Ahmedabad, que se espalha por um espaço do tamanho de um campo de futebol pro-

fissional, o sr. Uday joga minhas malas enormes no bagageiro de seu carro pequeno, estacionado bem longe, e depois dá vários chutes com a sola do pé para acomodar tudo.

“*No problem, no problem*”, ele repete. Aos poucos, descubro o significado amplo desses termos que ele usa. “*No problem*” é um dos mais flexíveis. Pode tanto querer dizer simplesmente “sem problemas”, sua resposta mais frequente, como pode ser complemento ou uma pausa de uma frase no passado, por exemplo: “Eu gostava de comprar meus legumes ao sair do trabalho, *no problem*, mas o horário da feira mudou”. Ou no futuro, para dizer que você precisa fazer algo, assim: “Escolha o nome de suas filhas, *no problem*, para depois registrá-las”. Nesse caso, ele queria dizer que decidir pelos nomes não deveria se transformar num problema porque o resto do processo seria trabalhoso.

O sr. Uday tem 56 anos e fala cinco dialetos locais, além de híndi e inglês. Foi colega de escola do dr. Hitesh Patel, marido da dra. Nayana, um ortopedista que acabou virando diretor financeiro da clínica quando o negócio de barriga de aluguel deslanchou. Por conta da amizade de uma vida inteira com o dr. Hitesh, o sr. Uday se tornou o braço direito da dra. Nayana, transportando visitantes e pacientes do aeroporto para a cidade, da clínica para o hotel e vice-versa.

Ele também arranja quartos de hotel, acompanha as mulheres que querem comprar tecidos e ajuda os visitantes a se desembaraçar da enorme burocracia que envolve ter filhos fora do país e repatriá-los. Tem um sotaque carregado e sua voz fica mais aguda e alta quando está nervoso. No caminho do aeroporto até o hotel, demoro a entender que ele está revoltado com a alta do preço da cebola (*onion*, em inglês), não com o sindicato dos caminhoneiros (*union*). Ele fala sem parar e tem o estranho costume de rir muito quando dá uma notícia ruim. Por exemplo, sabe que pretendo ficar um mês inteiro no mesmo lugar, e diz:

“Nem desfaça esse monte de malas, o seu quarto vai estar ocupado na sexta-feira da semana que vem, hahaha”.

Meu destino é a cidade de Anand, cerca de noventa quilômetros ao sul de Ahmedabad. Sento na frente, no banco do passageiro, prendo o cinto. Ele não, a luz do painel do carro fica piscando o alerta. “*No problem, no problem*”, diz. Durante o percurso, assoa o nariz e enxuga o rosto o tempo todo com uma toalha, que mantém pendurada no ombro esquerdo. A mesma que usa para limpar o celular, que me empresta para avisar que cheguei. Ele conta que ligar de um celular indiano para qualquer lugar do mundo é muito barato, por causa da grande quantidade de pessoas e aparelhos no país. “Nem tire o seu aparelho brasileiro da bolsa”, me sugere.

Na Índia, ex-colônia britânica, o volante dos veículos fica do lado direito. No começo do trajeto, de quase duas horas, credito a isso à sensação de que estamos no meio da estrada. Mas não, o sr. Uday ignora a demarcação das faixas e precisa desviar de carros e caminhões que vêm na direção oposta. “Jesus, Jesus”, ele diz cada vez que um veículo qualquer dá luz alta para avisar que eles vão bater de frente caso ele não vá mais para a direita. Sem muita intimidade com ele nem a garantia de que é só uma sensação de estranhamento, fico com vergonha de avisar o óbvio, “Vem um carro aí”, e só repito o nome dele, com os olhos arregalados apontando para a frente: “Mr. Uday, Mr. Uday!”. E ele, “*no problem, no problem*”.

Em termos indianos, Anand é uma cidade pequena, de vocação rural, mas tem 200 mil habitantes, número igual ou maior de cachorros vira-latas que andam em bandos, além de vacas, burrinhos do tamanho de bezerros recém-nascidos e pombos, muitos pombos. Como em toda a Índia, o trânsito é orientado pelas buzinas, e quase não existe sinalização. Coladas nos ônibus, nos triciclos motorizados chamados de *tuc-tucs* e nos riquixás, as mesmas placas: *Please blow horn* (Por favor, aperte a buzina). Melhor que

passar por cima. A região de Anand é uma importante bacia leiteira e tem várias universidades. Nos últimos anos, no entanto, tornou-se mais conhecida por causa das clínicas de fertilização humana, como essa da dra. Nayana Patel, que me trouxe até aqui. Era dela a mensagem no meu celular.

Na manhã seguinte, acordei com o toque do telefone do quarto, às 11h30. O sr. Uday estava lá embaixo à minha espera, disse a recepcionista. Pedi que o pusessem na linha, estava irritada, tinha marcado de ele me levar às 15h30 até o barrigão de quase oito meses da Vanita, a moça indiana que hospedava meus dois bebês desde o começo de abril. “Ribeiro, você precisa vir comigo”, ele me diz. “Por quê? Aconteceu alguma coisa?”, pergunto.

Até então, eu só sabia que estava finalmente no mesmo continente, país e cidade que os meus bebês, quase prontos para nascer. Já era o fim da gestação, oitavo mês, ou semana 34, uma ou duas antes das previsões para gêmeos. Adiantei a ida para acompanhar os momentos finais, mesmo que isso me custasse ter que voltar para o trabalho um pouco antes de terminar minha licença-maternidade. Sem ter vivido a gravidez, queria ter alguma experiência da barriga, mesmo que não fosse a minha. E não perder nem um minuto do parto, do nascimento, queria ver as carinhas deles antes de todo mundo, ser o primeiro colo, dar a primeira mamadeira. Meu plano era ocupar meu território como mãe desde o início.

“Suas crianças estão um pouquinho nascidas”, ele me disse no telefone. A frase em inglês foi: “*Your children are a little bit born*”. Sem nem responder, larguei o telefone e decidi que faria a troca de roupa mais rápida da história, a calça com uma mão, a camiseta com a outra. Quis fazer o mesmo com o tênis, uma mão para cada pé, mas não deu certo, me atralhei tentando calçar os dois pés ao

mesmo tempo e de pernas cruzadas, um deles escapou da mão, levantei para pegar e tropecei. Levei um tombo para a frente e bati a testa na sola do tênis. Sem nem sequer me levantar do chão, enfiei no pé sem meia mesmo e desci as escadas, voando, desorientada.

Não deu tempo de avisar ninguém. Anand fica oito horas e meia à frente de São Paulo, onde era meio da madrugada. Sérgio — meu marido e pai das “crianças um pouquinho nascidas” — estaria dormindo. Tomamos o rumo da clínica da dra. Nayana. Vou martelando as mesmas perguntas. “O que aconteceu? Eles estão bem? São meninos, meninas, um de cada?” Minha voz treme, as mãos estão geladas, sinto um buraco no estômago. Ele repete a resposta como um mantra: “Está quase chegando, está quase chegando”.

Os obstetras indianos são legalmente impedidos de revelar o sexo dos bebês durante a gravidez. Mesmo que esteja evidente no ultrassom, são obrigados a dizer que não sabem. Os exames mensais que eu recebia por e-mail traziam no final sempre a mesma observação: “Eu, dr. Fulano, garanto que não vi nem revelei o sexo do(s) bebê(s)”. Os exames trazem pequenos borrões onde devem estar os órgãos genitais. Quem quebrar a regra perde a licença médica. Nas classes média e média baixa indianas, tanto na área rural como na urbana, é comum o aborto provocado de bebês meninas, daí a criação da lei nacional. As famílias mais ricas adornam e exibem suas filhas quase como troféus: é uma maneira de mostrar que elas não dependerão de um bom casamento para levar uma vida confortável.

Na clínica, me encaminham a uma salinha no fundo, fora do prédio principal, onde uma indiana muito simpática me dá os parabéns. “Nasceram?”, pergunto. Ela sorri e sai da sala, pedindo que eu espere um minuto. Entra uma segunda moça, que me oferece água. Recuso e pergunto de novo: “Nasceram?”. Ela repete a cena — dá um sorriso e sai da sala. Quando entra a terceira,

ponho o braço na porta, impedindo que ela escape. Com ar ameaçador, insisto: “NASCERAM?”. Pega de surpresa, ela balança a cabeça fazendo que sim. “São duas meninas muito saudáveis.”

Dois meninas. Muito saudáveis. Que acabaram de nascer. E são minhas filhas. E eu, mãe delas, estou numa sala no andar térreo de uma clínica de fertilização recebendo essa notícia sem nem um vidro através do qual possa vê-las. Minha voz quase não sai direito, muito menos pensamentos. Só sei que ali, parada, não posso ficar. “Vamos até elas, então”, indico, andando sem saber a direção. A moça me pede mais um minuto, a dra. Nayana Patel quer me ver.

A dra. Nayana tem uns cinquenta anos, é uma mulher bonita e elegante, de olhos enormes e um jeito meio maternal, meio de executiva. Ela chega apressada, saiu de uma consulta e está a caminho de outra, usa um sári preto, vermelho e dourado, o traje típico das mulheres indianas, *piercing* no nariz e um *bindi*, aquele pontinho brilhante entre as duas sobrancelhas — o adereço tem vários significados, entre eles o culto ao intelecto. Ela também usa um enfeite mais acima na testa, na altura da risca do cabelo, que quer dizer que é casada e comprometida com o bem-estar do marido. E me convida para sentar ao lado dela enquanto me conta, sem grande drama, que não, na verdade as bebês não acabaram de nascer. Vanita deu à luz, via cesariana, em 15 de novembro, quando entrou em trabalho de parto de repente. Ou seja, três dias atrás, enquanto eu provavelmente esperava, no aeroporto de Dubai, o voo para Ahmedabad.

Meu celular estava ligado, funcionando, exceto nas horas dentro do avião. Assim como meu e-mail. Os do Sérgio também, em São Paulo, e ele não tinha ido a lugar nenhum. Além disso, eu já estava em Anand desde ontem, e sem nenhuma ideia, nenhuma pista, de que o que fora esperar acontecer não havia, afinal, me esperado chegar. Mais curiosa e inquieta que qualquer outra

coisa, levanto da cadeira e indico que não quero mais ficar ali, que quero conhecer as minhas filhas. “Elas não estão aqui”, me diz a dra. Patel, revelando outra surpresa. “O sr. Uday vai levá-la ao hospital onde as duas estão internadas. Elas nasceram aqui e passam bem, mas, como você ainda não tinha chegado, foram transferidas para lá.”

“*Congratulations, Ribeiro, you are a mother*”, diz o sr. Uday, de volta ao carro. “Eu já era mãe na madrugada de ontem, quando você optou por conversar comigo sobre a alta do preço da cebola”, penso em dizer. Mas não respondo nada. Afinal, certamente ele já sabia quando me pegou no aeroporto, tantas horas atrás. A razão pela qual as notícias são dadas em pílulas nessa história me incomoda imensamente, mas agora tenho um lugar para estar e pessoas para conhecer. E uma notícia para dar, por inteiro. E nomes para escolher. Não lembrei de perguntar onde estaria Vanita, que deu à luz há três dias. Ela continua na clínica, mesmo lugar onde eu estava, mas dois andares acima, se recuperando da cirurgia.

O hospital fica do outro lado da cidade, na avenida mais movimentada. É a continuação de uma das estradas que desembocam em Anand e tem trânsito intenso de caminhões, carros, *tuc-tucs* e motos estilo vespa que carregam de um a cinco passageiros. As crianças maiorezinhas costumam ir em pé, na frente da cabine, ao lado do motorista. As menores e de colo vão atrás, entre dois adultos, no banco. Usar capacete não é prática local.

Inaugurado poucos anos atrás, o Zydus é um hospital novo, mantido pelo enclave cristão que habita a região de Anand, num país de maioria hindu. O vão central é aberto e tem uma lanchonete no fundo. O sr. Uday me conta que o prédio foi construído para ser um shopping center, mas os donos faliram no meio da empreitada e outro grupo comprou e transformou em hospital. Pelo menos é isso que consigo entender de tudo que ele diz no caminho, enquanto permanece em silêncio. Só penso que sou

mãe de duas meninas, como minha mãe foi, e que não tenho como perguntar nada a ela.

Na ala neonatal, para me tirar da imobilidade que me prende ao chão a menos de dois metros da incubadora onde estão minhas menininhas, eu sei o que ela diria. Então dou finalmente os três ou quatro passos que faltam e atravesso a última porta de vidro. Lá estão elas, “*daughter of Tete Ribeiro A*” e “*daughter of Tete Ribeiro B*”, cada uma em um berço de acrílico, enroladas em um pano azul. Uma é branquinha e careca, a outra, mais morena e cheia de cabelo preto e liso.

Hipnotizada, fico olhando para os dois microbebês, do tamanho do meu antebraço, que fazem minha mão parecer a de um gigante em comparação. Pego uma no colo, que não acorda nem abre o olho. Depois pego a outra, que parece me encarar. Quase não dá para sentir o peso delas, de tão leves que são. Nasceram com dois quilos cada uma, mas perderam um pouco de peso e estão com 1,8 quilo. Pego as duas no colo ao mesmo tempo e peço que uma enfermeira tire fotos com meu celular para eu enviar mais tarde como prova. Olho para a câmera, mas não me lembro de sorrir.